

A Lebre e a Tartaruga

Era uma vez uma lebre e uma tartaruga que eram muito amigas, mas muito diferentes.

A lebre era toda preocupada com o corpo, passava o tempo a exhibir-se:

— Já viste os meus músculos. Apalpa aí a batata. — dizia ela, flectindo o braço.

— Já viste as minhas pernas? A mim ninguém me apanha. — e desatava a correr até ao fim do bairro, deixando uma nuvem de pó atrás de si.

A tartaruga sorria. Era impensável para ela igualar-se em músculos à amiga. A tartaruga era muito calma e ponderada. Gostava de informática e literatura, tinha muita paciência e passava muito tempo em casa, quer dizer, a casa é que passava muito tempo com ela, a ler livros e a informar-se sobre o mundo.

— Isto vai de mal a pior! — lastimava-se a tartaruga à amiga lebre. — Para salvar o mundo é preciso levar a cabo uma verdadeira batalha.

— Venham eles, venham eles! — afirmava a amiga aos saltos, simulando golpes de boxe e de karaté e dando gritos tão estridentes que a pobre tartaruga se escondia debaixo da carapaça.

— Não, não estás a perceber. — contrapôs ela. — Não é esse tipo de luta, o que se passa é que as pessoas andam a sujar o mundo e ainda não perceberam que têm de separar as embalagens...

— Ai não? — respondia a lebre. — Isso é muito simples, entendes? Agarras em cada pessoa que ainda não percebeu e dás-lhe uma pêra nos dentes.

— Sim. — respondiam-lhe.

— Está a ver aquela lixeira além? Pode transformar-se num jardim de flores que cheirem tão bem que nem imagina.

— E como?

— Com pouco trabalho, basta colocar as embalagens usadas no sítio certo, no ecoponto. Se fizer assim, vai haver menos lixo, e nós podemos ter mais jardins.

Tinham combinado as duas encontrar-se junto a uma árvore no fim da cidade. Quando a tartaruga lá chegou, a lebre já lá estava há imenso tempo.

— Só chegaste agora? — perguntou com ar triunfante.

— Sim. — respondeu-lhe a tartaruga, que vinha cansada e com a boca seca de tanto falar, enquanto pensava para os seus botões, será que vai resultar?

E resultou mesmo. Quando o Capuchinho Vermelho, que tinha sido chamado para servir de árbitro, foi visitar os dois bairros, reparou que no bairro da lebre as pessoas só tinham colocado as embalagens no ecoponto enquanto ela estava a ver, por medo. Já no bairro da tartaruga, o tempo que ela tinha perdido para as convencer deu os seus frutos, porque as pessoas continuavam a separar e acreditavam que era assim que se fazia uma boa terra para morar.

Enfim, estão a ver como a lebre via a situação.

A tartaruga abanava a cabeça e pensava para com os seus botões: não pode ser assim, tem de se provar, tem de se mostrar às pessoas que com pequenos gestos o mundo pode melhorar.

— Tu és muito branda. — dizia a lebre. — Não tens personalidade nem músculos, músculos, estás ver?! E novamente colocava-se em posição de Mister Universo.

— Vamos fazer uma coisa: vamos separar a cidade em dois, de um lado vais tu convencer as pessoas, do outro vou eu, e no final vê-se o que cada uma rendeu.

— Aceito o desafio. — respondeu-lhe a tartaruga.

A lebre desatou a correr e cada vez que via alguém com uma embalagem na mão, estendia o braço, fechava o punho e dizia:

— Escorre e espalma já essa embalagem e de seguida coloca-o no ecoponto, se não... — e punha o punho a girar. Cheias de medo, as pessoas obedeciam.

Mais pausada ia a tartaruga. Cada vez que passava por alguém, perguntava:

— Gosta de flores?

